



TRAJETÓRIAS LGBTQIAP+: relatos de alunos do IFSULDEMINAS campus Poços de Caldas sobre o *Bullying* Homofóbico

Ana Beatriz B. MAXIMO¹; Júlia P. de SOUSA²; Melina M. de SOUZA³; Luciana de A. NASCIMENTO⁴

RESUMO

Vivemos em uma sociedade heteronormativa marcada por movimentos de violência contra pessoas enquadradas como divergentes das expectativas de gênero e sexualidade hegemonicamente aceitas, sendo recorrentes as narrativas de violência presentes nos distintos espaços sociais. Considerando esse contexto, este relato de pesquisa visa a compreender as vivências de pessoas da comunidade LGBTQIAP+ a partir de dados quantitativos de alunos do IFSULDEMINAS - Poços de Caldas, enfocando sua trajetória escolar e relatos sobre *Bullying*. Os dados foram coletados por meio de um questionário, adaptado da Pesquisa de Assédio Sexual da AAUW. Os resultados indicam uma prevalência de *bullying* homofóbico caracterizado principalmente por agressões verbais, como apelidos pejorativos e xingamentos, além da disseminação de mentiras e fofocas. A pesquisa também sugere uma percepção de baixo nível de acolhimento por parte da equipe escolar frente a essas situações, contrastando com um apoio mais frequente entre os próprios estudantes.

Palavras-chave: Homofobia; Educação Básica.

1. INTRODUÇÃO

O *Bullying* Homofóbico é uma problemática enraizada de discriminação e preconceito na escola, cujo impacto se estende à toda comunidade escolar e à sociedade em geral. Embora o *bullying* seja frequentemente descrito como uma violência entre pares caracterizada por intencionalidade em magoar, repetição e poder diferenciado entre os indivíduos envolvidos (Michael Furlong *et al.* 2010), o *Bullying* Homofóbico incorpora, ainda, a violência desumanizadora contra aqueles que não performam uma identidade ou que não têm práticas afetivas e sexuais alinhadas à heteronormatividade (Rogério Junqueira, 2009), criando um ambiente hostil e desafiador para os indivíduos LGBTQIAP+ em seus percursos educacionais.

Justamente, a fim de nomear e buscar explicar processos de violência homofóbica na escola, que, na última década, tem-se utilizado o conceito de *Bullying* Homofóbico (Cheri Pascoe, 2013). Uma pesquisa realizada por Wiliam Peres (2005) apresenta que os segmentos das travestis e das transexuais são os que mais sofrem no convívio escolar, seguidos pelos das lésbicas e dos gays, dentro da sigla LGBTQIAP+. Para Junqueira (2009), é fundamental que os educadores assumam a responsabilidade de abordar o assunto de forma aberta e empática, promovendo o bem-estar e o respeito entre os alunos, considerando que o *bullying* não se trata apenas de um problema educacional, mas também saúde pública e social (Jackeline Souza, 2013).

No cotidiano escolar, é possível observar uma série de práticas e abordagens que estão ligadas aos processos sociais de diferenciação e distinção, os quais influenciam diretamente na formação e

no desempenho social dos alunos. Essas práticas permeiam e afetam todos os aspectos do conjunto de conhecimentos e atividades que compõem o currículo (Tomaz Silva, 2006).

Diante da problemática, surge a necessidade de pesquisas como a aqui relatada, cujo objetivo é compreender as vivências de pessoas LGBTQIAP+ enfocando as diferentes incorporações de *Bullying* Homofóbico que os alunos do IFSULDEMINAS campus Poços de Caldas-MG, vivenciaram em sua jornada na Educação Básica. Para tanto, são nossos objetivos específicos: Investigar a ocorrência de *bullying* homofóbico durante o período escolar desses alunos; caracterizar o *bullying* homofóbico e o acolhimento percebido ou presenciado por eles; e propor estratégias de prevenção para mitigar o *bullying* homofóbico no ambiente escolar.

3. MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa desenvolvida tem natureza empírica com coleta e análise de dados em uma abordagem quantitativa que, conforme Bernardete Gatti (2002), permite mensurar fenômenos e atribuir significados a esses a partir de sua magnitude (quantitativa). Para coleta de dados, foram elaborados questionários, via Google Formulários, a partir de adaptações da Escala de Alvos e de Agentes de Conteúdo Homofóbico e da Pesquisa de Assédio Sexual da AAUW, enfocando-se em perguntas referentes aos alvos de *bullying* homofóbico (Poteat e Espelage, 2005).

O formulário eletrônico foi divulgado nas redes sociais e por meio de panfletos contendo QR Code para acesso, que foram colados no *campus*, obtendo-se 14 participantes. Poderiam participar da pesquisa os estudantes dos cursos Superiores e Técnicos subsequentes, a fim de restringir as respostas àqueles que já fossem maiores de idade. Os dados foram tabulados por meio de gráficos gerados pelo Google Formulários e Google Planilhas e analisados a fim de quantificar a ocorrência de *Bullying* Homofóbico e de acolhimento vivido ou presenciado pelos participantes da pesquisa durante a Educação Básica.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa revelou que a maioria dos participantes eram brancos (64,3%), o que, segundo Silva *et al.* (2024), reflete o menor acesso de outras etnias às universidades públicas no Brasil, resultado de desigualdades históricas (Gisi, 2006). A maioria foi de mulheres (63,4%), com 42,9% de heterossexuais, 14,3% de lésbicas, 21,4% de gays e 21,4% de bissexuais. Nenhuma pessoa assexual respondeu o questionário, sendo que todos os respondentes se declararam cisgênero. A análise sociodemográfica, incluindo escolaridade e sexualidade, é crucial para compreender o *bullying* homofóbico (Collins, 1990), visto que a interseccionalidade (gênero, orientação sexual e raça/etnia) modula a vulnerabilidade à violência.

A metodologia de divulgação digital, como o uso do WhatsApp, pode ter influenciado a

concentração de respondentes de cursos de licenciatura, como Geografia (50%) e Ciências Biológicas (35,7%) que estavam em grupos nos quais a pesquisa foi divulgada.

Entre as vítimas de *bullying* homofóbico, os tipos mais comuns de agressão foram colocar apelidos, xingar ou rir (33,3%) e contar mentiras e tentar fazer com que outros não gostassem da vítima (33,3%). Agressões físicas e ameaças foram menos frequentes (22,2%). Muitos sofreram boatos, fofocas e olhares intimidadores, embora a maioria não tenha relatado agressões verbais diretas. Nenhum participante mencionou posts homofóbicos em redes sociais, o que pode estar ligado ao período anterior ao uso massivo dessas plataformas.

Os resultados sugerem uma omissão institucional das escolas no acolhimento de vítimas, com a maioria dos respondentes afirmando nunca (40%) ou raramente (40%) terem sido acolhidos por profissionais, corroborado por relatos como o de uma travesti expulsa após abuso (Peres, 2009). O acolhimento por diretores ou professores foi mínimo (20%), e a falta de acolhimento por colegas e amigos também foi significativa.

Para os participantes que presenciaram *bullying* homofóbico, 38,5% viram um amigo ou colega sofrer, sendo a prática mais comum a de colocar apelidos e xingar (83,3%), frequentemente por meninos (54,5%), o que está alinhado com os estudos de Bouth e Sousa (2011). Vítimas frequentemente sofriam agressões verbais, boatos, olhares intimidadores e isolamento. Embora a equipe escolar não tenha sido vista oferecendo acolhimento, houve algum apoio de colegas e amigos, mas em baixo percentual.

5. CONCLUSÃO

Através deste estudo é possível concluir que o *bullying* homofóbico é uma realidade presente no ambiente escolar. Os principais tipos de agressão são verbais e de exclusão social. Há uma preocupante falta de apoio institucional das escolas às vítimas, que encontram mais acolhimento em amigos.

Ainda que não tenhamos alcançado um espaço amostral significativo, a pesquisa sugere que esse *bullying* é um problema social profundo, enraizado na heteronormatividade e em preconceitos internalizados. Portanto, é urgente implementar ações concretas como educação para a diversidade e programas de combate ao preconceito, além de capacitar profissionais para criar um ambiente escolar verdadeiramente inclusivo. Mais pesquisas com amostras maiores são essenciais para entender melhor o fenômeno e a eficácia das intervenções.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao NIPE - Núcleo Institucional de Pesquisa e Extensão, pelo fomento para a realização dessa pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BOUTH, Raimundo Nonato de Souza; SOUSA, Vanesa Souza de. Bullying: A Intensidade e Frequência Da Prática Relacionados Com o Gênero Do Autor. **Rev. Int. Investig. Cienc. Soc.**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 29-60, julho 2011. ISSN 2225-5117. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4005765.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2025.
- COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought**: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment. New York: Routledge, 1990. Disponível em: <<https://negrasoulblog.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/04/patricia-hill-collins-black-feminist-thought.pdf>> . Acesso em: 23 jun. 2025.
- ELIPE, Paz; MUÑOZ, María de la Oliva; REY, Rosario del. Homophobic Bullying and Cyberbullying: Study of a Silenced Problem. **Journal of Homosexuality**, [S. l.], v. 65, n. 5, p. 672–686, 2018. DOI: 10.1080/00918369.2017.1333809. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28569622/>. Acesso em: 9 abr. 2025.
- FURLONG, Michael, et al. Bullying assessment: A call for increased precision of self-reporting procedures. In: JIMERSON, Shane R.; STORCH, Eric A.; ESPELAGE, Dorothy L. (Eds.). **The international handbook of school bullying**. Nova Iorque: Routledge, 2010.
- GATTI, Bernardete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano Editora, 2002. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/263812802/A-Construcao-Da-Pesquisa-Em-Educacao-No-Brasil-Gatti> . Acesso em: 9 abr. 2025.
- GISI, Maria Lourdes. A educação superior no Brasil e o caráter de desigualdade do acesso e da permanência = L'Éducation Supérieure au Brésil et le caractère d'Inégalité de l' accès et de la permanence. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 17, p. 97-112, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/6740/6638> . Acesso em: 9 abr. 2025.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **UNESCO**, 2009. Disponível em: http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_volume32_diversidade_sexual_na_educacao_problematizacoes_sobre_a_homofobia_nas_escolas.pdf. Acesso em: 26 fev. 2024.
- PASCOE, Cheri Joe. Notes on a sociology of bullying: Young men's homophobia as gender socialization. **QED: A Journal in GLBTQ Worldmaking**, [S. l.].
- Poteat VP, Espelage DL. Exploring the relation between bullying and homophobic verbal content: the homophobic content agent target (HCAT) scale. *Violence Vict.* 2005 Oct;20(5):513-28. PMID: 16248488. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16248488/> . Acesso em: 22 de junho de 2025.
- PERES, Wiliam Siqueira. **Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania**. 2005. 201 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/4713>. Acesso em: 26 fev. 2024.
- SILVA, C. S. E.; VILELA, E. M.; OLIVEIRA, V. C. Bullying nas escolas públicas e privadas: os efeitos de gênero, raça e nível socioeconômico. **Educação e Pesquisa**, v. 50, e264614, 2024.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 4, p. 149–162, 2006. DOI: 10.5216/rpp.v4i0.83. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/83> . Acesso em: 7 set. 2024.
- SOUZA, Jackeline Maria De. **Bullying: uma das faces do preconceito homofóbico entre jovens no contexto escolar**. 2013. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, [S. l.], 2013. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/6013>. Acesso em: 6 jan. 2025.